



RELATÓRIO

41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019

CRÍTICO: SIMONE CARLETO

DIA: 10/11/19

CATEGORIA: ADULTO

PEÇA: (IN) JUSTIÇA

GRUPO: COMPANHIA DE TEATRO HELIÓPOLIS

CIDADE: SÃO PAULO SP

A justiça social se cumpre na encenação da Companhia de Teatro Heliópolis

Por Simone Carleto¹

*"[...]Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou [...]"*
(Clara Nunes. Canto das Três Raças.)

Dois assuntos de extrema importância na atualidade: a violência e a justiça, são os motes do espetáculo *(In)Justiça*, da Companhia de Teatro Heliópolis, apresentada na noite de 10 de novembro de 2019, no 41º Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba. Com pesquisa a partir do tema “Justiça: o que os vereditos não revelam”, a narrativa é aprofundada, do ponto de vista da

¹ Crítica do 41º Feste. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

contextualização histórica abarcada pela dramaturgia. Questões da justiça, envolvendo seus aspectos conceituais e o funcionamento do poder judiciário desde a criação do sistema no país, aparecem relacionadas diretamente às vivências dos integrantes da companhia, que pisam o chão das comunidades, os chamados quilombos da atualidade, e trazem na carne essa realidade. Portanto, os atores e atrizes do grupo apresentam de modo contundente o tema e suas visões de mundo, fazendo justiça aos povos originários e ao povo negro. Adotam posicionamento explícito no tocante à defesa dos direitos da população negra, pobre e periférica, dentro do processo chamado periferização, característico do capitalismo vigente. Isso posto, mostram os mecanismos sociais que negam oportunidades, com recorte de classe, etnia e gênero. Assim, a diretriz do sistema excludente é marginalizar, impedir a socialização e condenar a vida de enorme conjunto de seres humanos, crianças, jovens, adultos e idosos, que sobrevivem em precaríssimas condições.

Utilizando-se do teatro épico dialético, o diretor Miguel Rocha e a equipe criadora expõem a história de Cerol, personagem alegórica, por representar muitos cidadãos brasileiros. Trata-se de um morador da periferia do sistema e da cidade, que comete um crime acidentalmente. Seu julgamento constitui parte da estrutura dramática, que é composta também por narrativas acerca da construção étnico-social do Brasil, de fatos e personalidades históricas opacizadas por determinada história dita oficial. Uma sacada fundamental para provocar o senso crítico dos espetadores é o expediente de nomear pessoas do público como jurados do caso em julgamento. Soma-se ainda ao texto uma camada poética, que aborda a infância e a ancestralidade, como um ciclo da vida. Instrumento de explicitação da violência perpetrada pelas discrepâncias sociais, o julgamento expõe a ideologia perversa, configurando o cenário histórico-social que determina o destino de meninos e meninas como Cerol. Associado ao sentido de material cortante aplicado em linhas que romperão linhas de outras pipas no céu, passar cerol também pode significar assassinar: triste metáfora de duplo sentido, o apelido também representa a marca de uma não-vida absolutamente predeterminada.

Podendo ser considerado um dos mais importantes grupos de teatro da atualidade em atividade no Brasil, a Companhia de Teatro Heliópolis representa um exemplo do que há, segundo o teatrólogo Alexandre Mate, de mais contemporâneo em termos de forma de produção - como alternativa ao modo de produção capitalista hegemônico - que é o teatro de grupo, como sujeito histórico. O conceito pressupõe como práxis o teatro coletivo-colaborativo. Estabelece, portanto, um conjunto co-criador da obra, que, polifônica, no que concerne às dramaturgias no plural, reúne dramaturgia de texto (Evil Rebouças), cenografia (Marcelo Denny), trilha musical executada ao vivo (Meno del Pichia, com preparação vocal de Bel Borges), iluminação (Fagner Lourenço e Miguel Rocha) e figurinos (Samara Costa).

A organicidade da encenação conta com o olhar sensível e competente de Miguel Rocha, que orquestra as partituras composicionais da dramaturgia de cena, a partir das ações dos atores e atrizes, para integrar a dramaturgia do espetáculo. Contribui decisivamente para harmonia estilística da obra em sua proposta dialógica, a trilha musical original, ao passo que a preparação corporal calcada em *viewpoints* (muito resumidamente, técnica de improvisação) alcançou vigor pela interpretação visceral do elenco, que ressignifica uma proposição aparentemente esquemática pela sua condução. Nessa aspecto, a trilha sonora e sua brilhante execução pela equipe musical e elenco, estabelece um importante processo de plenitude da obra, atribuindo à encenação contrapontos, ambientação poética, além da função de sublinhar aspectos narrativo-críticos da peça. A proposta cenográfica estabelece também uma camada dramática, em alguns momentos atribuindo à sua construção função social, como é o caso da cena em que um canto de trabalho estabelece a coletivização da terra. Já em outros momentos instaura o que poderia ser nomeada como imagética pós-dramática, na qual os objetos recebem função cênica, independente de ter uma função original. É o caso da presença de alguns adereços incomuns, por exemplo uma espécie de bandeja carregada

pelo indígena, e o círculo branco “manchado de sangue”. Mais uma vez, a atuação ressignifica o signo e o transforma em metáfora. Entretanto, o caráter poético poderia ser potencializado pela refuncionalização de objetos cotidianos, carregados de historicidade e trabalho humanos.

Tais observações estão aqui colocadas apenas e tão somente a título de reflexão, diante de espetáculo tão significativo, no qual a coerência-contundência-poética geral supera possíveis detalhes a serem afinados. Desse modo, pouco além do exposto poderia ser sugerido. A presença intensa do elenco em cena ganharia mais força com diminuição da duração de algumas passagens, por exemplo as de composição coreográfica. Com o mesmo intuito, tendo em vista a densidade da peça, que alcança tantas imagens potentes e significativas, a analogia entre a pipa e a capucheta, bem como a alusão ao suposto desejado título de copa do mundo, poderiam ser suprimidas.

Concernente ao trabalho de interpretação/representação dos atores e atrizes, embora em uma obra épica a protagonista seja a história, na qual todas as personagens são fundamentais para a estruturação da narrativa, o elenco confere sustentação ao enredo durante toda a peça. Entretanto, com mais tempo na companhia e portanto acumulando experiência de outros trabalhos de pesquisa e experimentação, destacam-se as atuações de Dalma Régia e David Guimarães. Ambos interpretam personagens antagônicas, considerando posicionamento que assumem socialmente contra ou a favor dos oprimidos, imprimindo dialética aos episódios. E também cumprem função de corifeus, ao lado dos parceiros e parceiras de cena Alex Mendes, Cícero dos Santos, Danyel Freitas, Gustavo Rocha, Maggie de Abreu e Walmir Bess. Tamanha excelência artística torna patente a inventividade do coletivo da Zona Sul de São Paulo, que busca criações inéditas para tratar de assuntos relevantes, em uma chave inovadora e repleta de legítima representatividade.

Ao final, observando a sequência que representa a conclusão da obra, fica a sensação de que poderia ainda haver mais um ou dois movimentos. Quando os artistas executam o derviche, vestidos de branco, trazem respiro à densidade apresentada, com a função de circular e transmutar a energia condensada durante o espetáculo, que também transita com aterramento ancestral das religiões africanas. Certamente, para além da individualidade de cada giro, ainda que simultâneo, a troca de olhares entre os intérpretes atingiria aspecto simbólico da importância das relações humanas coletivas para a transformação desse estado de coisas expresso na obra. Assim como um terceiro movimento, que poderia ser o encontro de olhares de cumplicidade entre o elenco e o público, anunciaria a possibilidade de futuro como utopia coletiva, a ser construída meticulosamente no presente.

O público que lotou a sessão do 41º Feste na noite de domingo, reconheceu, por meio das palavras colhidas durante o bate-papo coordenado por Victor Narezi, assim como pelas falas, o quanto o grupo transformou em atitude propositiva o que outrora fora um triste lamento. O trabalho da Companhia de Teatro Heliópolis anuncia para o mundo novos tempos de esperança, como disse Paulo Freire, do verbo esperar.